

EXPECTATIVAS ESCATOLÓGICAS EM POLICARPO E PAPIAS

Thiago Velozo Titillo¹

RESUMO

O presente artigo objetiva investigar as ligações de Policarpo e Papias com o apóstolo João, para, em seguida, identificar os elementos de suas respectivas expectativas escatológicas e observar as influências recebidas das escatologias judaicas presentes no primeiro século. Antes, porém, apresentar-se-á o significado da expressão “pais da Igreja” em geral, e “pais apostólicos”, em particular.

PALAVRAS-CHAVE: pais; Policarpo; Papias; João, inversão escatológica, milenarismo.

ABSTRACT

This article aims to investigate the relationship between Polycarp and Papias with apostle John, and also to investigate their expectation about eschatology, observing the influences of judaical eschatology presented in the first century. Before that, we will introduce the general meaning of “Church father’s”, and the specific meaning of “apostolical father’s”.

KEYWORDS: fathers; Polycarp; Papias; John; eschatology inversion, millenarianism.

INTRODUÇÃO

O tema central da fé cristã é a vitória de Cristo sobre a morte, assegurando para todos os crentes a ressurreição escatológica (1 Co 15.20): “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias entre aqueles que dormiram”.² Conforme observou Hoekema:

A palavra primícias (*aparché*) indica a primeira parte de uma colheita, que garante seu complemento final; desta forma a ressurreição de Cristo é a prova e garantia de que nós, que estamos em Cristo, também ressuscitaremos dos mortos. Em Colossenses 1.18, lemos que Cristo é ‘o primogênito (*prótotos*) de entre os mortos’. O fato que Cristo aqui ser chamado de primogênito implica que aqueles que são seus irmãos e irmãs também ressuscitarão de entre os mortos, a fim de que, conforme aprendemos de Romanos 8.29, Cristo possa ser ‘o primogênito entre muitos irmãos’.³

O apóstolo já havia afirmado isso anteriormente na mesma epístola: “Por seu poder, Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará” (1 Co 6.14). Embora a esperança da

¹ Pós-Graduando em Teologia Bíblica e Sistemática-Pastoral pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro e graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Betel, Rio de Janeiro. Licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – pela Universidade Estácio de Sá. É professor da rede estadual de ensino (SEEDUC-RJ), da Faculdade de Teologia Wittenberg e do Seminário Teológico Evangélico Peniel. É pastor auxiliar da Primeira Igreja Batista em Botafogo, onde atualmente serve como Ministro de Jovens. Autor do livro *A gênese da predestinação na história da teologia cristã. Uma análise do pensamento agostiniano sobre o pecado e a graça*, publicado pela Fonte Editorial (2014). Contato: thiago_titillo@yahoo.com.br.

² Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional*, salvo indicações contrárias.

³ HOEKEMA, 2001, p. 289.

redenção escatológica fundamentada na ressurreição histórica de Jesus Cristo seja uma ênfase notadamente paulina, tal ensino pode ser encontrado em outros autores do Novo Testamento.

O apóstolo Pedro diz:

Bendito seja o Deus e pai do nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo (1 Pe 1.3-5).

No Evangelho de João, encontra-se registradas as seguintes palavras de Jesus: “Dentro de pouco tempo o mundo não me verá mais; vocês, porém, me verão. Porque eu vivo, vocês também viverão” (Jo 14.19). O mundo havia visto Jesus durante o seu ministério público e ainda o veria por pouco tempo durante seu julgamento e crucificação.

Depois, ele será visível somente à fé. Os seus discípulos continuarão a vê-lo pela fé (o tempo presente *me vedes* tem o sentido de continuidade que se estende indefinidamente para o futuro). E mais que isto: sua vida ressurreta garante-lhes vida sem fim, porque nela pela fé eles estão unidos Àquele que vive e recebem dele a sua vida.⁴

A ressurreição dos discípulos (“vocês também viverão”) – inicialmente experimentada na união com Cristo pela fé, mas consumada no *eschaton* (cf. Jo 5.24-29)⁵ – é dependente da ressurreição do próprio Cristo (“eu vivo”). Carson diz: “A ressurreição de Jesus inaugura o começo do reino; os discípulos ganham não só um novo entendimento, mas também a vida da ressurreição (*porque eu vivo, vocês viverão*)”.⁶

Os textos bíblicos supramencionados registram o testemunho de três importantes apóstolos – Paulo, Pedro e João –⁷ sobre a crença na ressurreição de Jesus Cristo como garantia da ressurreição de todos quantos creem nele.

Tanto a ressurreição de Cristo quanto a ressurreição dos mortos fazem parte dos mais antigos credos cristãos. Isso é, naturalmente, uma consequência da pregação apostólica. O

⁴ BRUCE, 1987, p. 261.

⁵ Os versículos 24 e 25 falam de uma “ressurreição espiritual” (escatologia realizada/inaugurada), enquanto os versos 28 e 29 apontam para a “ressurreição do corpo” (escatologia futura). Para maiores detalhes, consultar: CARSON, 2007, pp. 257-260 e BRUCE, 1987, pp. 121-124. A tensão entre o “já” e o “ainda não” na escatologia cristã é apresentada com bastante clareza por Anthony Hoekema no capítulo 6 da sua obra *A Bíblia e o futuro* (op. cit., pp. 83-91). A leitura será melhor aproveitada se observada desde o primeiro capítulo.

⁶ CARSON, 2007, p. 503.

⁷ O autor do artigo parte do pressuposto de que os apóstolos Pedro e João são respectivamente os autores de 1 Pedro e do quarto Evangelho, conforme a opinião da erudição conservadora (cf. HALE, 2001; CARSON, 1997). Para uma opinião contrária, consultar: KÜMMEL, 1982.

Credo Romano Antigo – que deu origem ao chamado *Credo dos Apóstolos* – diz em seu quinto artigo, que Jesus Cristo “ressuscitou ao terceiro dia”, e conclui afirmando a crença “na ressurreição do corpo” em seu décimo-segundo artigo.⁸

A expectativa dos cristãos é marcada pela crença de que a *parousia* de Cristo seria seguida da ressurreição dos mortos. Alguns teólogos têm afirmado que a crença em um reino terreno de Cristo durante mil anos com seus santos ressuscitados – fundamentados principalmente no capítulo 20 do Apocalipse de João – foi dominante nos três primeiros séculos da Igreja. Essa crença escatológica é conhecida pelos seguintes nomes: pré-milenismo, milenarismo, ou ainda, *quiliismo*.⁹ Henry Thiessen diz resolutamente: “A Igreja primitiva era pré-milenista”.¹⁰ Millard Erickson afirma sobre a escatologia dos primeiros cristãos:

A visão que hoje chamamos de ‘pré-milenismo’ tem uma longa história, cujas raízes estão na igreja primitiva. É provável que tenha sido a crença dominante durante o período apostólico, quando os cristãos acreditavam fortemente no fim iminente do mundo e na parúsia de Jesus Cristo.¹¹

Norman Geisler diz que o “princípio do pré-milenarismo era forte na igreja primitiva – ele se manteve como um padrão para os Pais até o primeiro Agostinho. Agostinho, cuja poderosa influência se estendeu aos mil anos que o sucederam, mais tarde descartou erroneamente essa teoria”.¹² E Russel Shedd afirma categoricamente que “a esperança milenista é a única que encontramos nos primórdios da igreja”.¹³

Todavia, Kenneth Gentry faz uma observação interessante: “A despeito dos frequentes aparecimentos de declarações proféticas nos pais da igreja primitiva, um intrigante fenômeno se apresenta a nós. *Nenhum credo antigo afirma um ponto de vista milenar*”.¹⁴

Justino, um dos mais antigos milenaristas da Igreja, escreveu em seu *Diálogo com Trifão*:

⁸ OLIVER JR. *Credo dos apóstolos*. In: ELWELL (editor), 1988, p. 362.

⁹ As palavras “pré-milenismo” e “milenarismo” são oriundas do latim: *mille* (mil) e *annus* (anos). A primeira é antecedida pelo prefixo *pré*, significando que Cristo retornará antes dos mil anos mencionados em Apocalipse 20. A expressão “quiliismo” tem origem na palavra grega *chilioi*, que significa “mil”, trazendo consigo o mesmo significado.

¹⁰ THIESSEN, 1987, p. 359.

¹¹ ERICKSON, 2010, pp. 114-115. “É provável que o pré-milenismo tenha sido a concepção dominante nos três primeiros séculos da igreja” (ERICKSON, 1997, p. 512).

¹² GEISLER, 2010, p. 956. Para Geisler, o “primeiro Agostinho” (ou “Agostinho jovem”) se refere às doutrinas de Agostinho antes da controvérsia donatista. O “Agostinho posterior” (ou “Agostinho velho”) se refere às mudanças doutrinárias que, segundo Geisler, “eram contrárias ao padrão da História Eclesiástica” (ibid., p. 77, nota de rodapé 31).

¹³ SHEDD, 2006, p. 18.

¹⁴ GENTRY JR. *O ponto de vista pós-milenarista*. In: BOCK (org.), 2005, p. 15. Ênfase original.

Antes já lhe confessei que eu e muitos outros sentimos dessa forma [reino milenar literal], de modo que sabemos absolutamente que assim acontecerá. **Todavia, também te mostrei que há muitos cristãos, de mentalidade pura e piedosa, que não admitem essas ideias**".¹⁵

A partir dessa citação, pode-se concluir que alguns cristãos ortodoxos interpretavam o milênio de uma maneira não literal, subentendendo a existência de um não milenarismo bem remoto na Igreja, juntamente com a escatologia milenarista. Diante disso, o presente artigo analisará trechos específicos de dois dos mais antigos pais da Igreja – Policarpo e Papias – a fim de identificar suas expectativas escatológicas.

1 POLICARPO DE ESMIRNA E PAPIAS DE HIERÁPOLIS

Policarpo e Papias fazem parte de um grupo de pastores e teólogos conhecidos como pais da igreja. A palavra “pai” é oriunda do latim, *pater*, derivada do sânscrito *pitar*, e possui diversas aplicações.¹⁶ Na Bíblia, o termo é aplicado de diversas formas: refere-se a Deus (Sl 68.5; Ml 2.10; Mt 5.48; Ef 4.6), ao pai biológico (Gn 2.24; Mt 10.37), aos antepassados (Lc 16.24), e à paternidade espiritual (1 Co 4.14-15; 1 Tm 1.2).

Nos mais antigos documentos cristãos não canônicos, o termo aparece na relação entre ensino e paternidade.¹⁷ No *Martírio de Policarpo*, 12, 2 registra-se a multidão de esmirnianos gritando com furor: “Eis o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o destruidor de nossos deuses!”.¹⁸ Irineu também percebe a relação: “[...] quem foi instruído por outro por meio da palavra é chamado filho de quem o instruiu e este o pai daquele”.¹⁹ Clemente de Alexandria diz: “As palavras são a progênie da alma. Por isso, chamamos pais àqueles que nos instruíram... e todo instruído é, em respeito da sujeição, filho de seu instrutor”.²⁰ Christopher Hall esclarece que o termo “geralmente designa um professor que está instruindo e guiando discípulos para a verdade religiosa e filosófica”.²¹

Talvez Jesus tivesse em mente esse significado quando disse: “Mas vocês não devem ser chamados mestres; um só é o Mestre, e todos vocês são irmãos. A ninguém na terra chamem ‘pai’, porque vocês só têm um Pai, aquele que está nos céus” (Mt 23.8-9).

¹⁵ JUSTINO, 1995, 80,2, p. 235 – ênfase acrescentada.

¹⁶ PADOVESE, 2004, p. 17.

¹⁷ PADOVESE, op. cit., p. 18.

¹⁸ In: FRANGIOTTI, 2002, p. 152.

¹⁹ *Contra as heresias*, IV, 41, 2, 1995, p. 513.

²⁰ *Stromateis [Miscelâneas]*, 1.1.2-2.1, apud HALL, 2007, p. 60.

²¹ HALL, ibid.

O termo foi reservado aos bispos a partir do segundo século, em especial, àqueles que preservaram as decisões conciliares de Niceia (325), Constantinopla (381) e Calcedônia (451) durante as controvérsias teológicas do quarto e do quinto século”.²²

A expressão foi-se tornando cada vez mais abrangente, acolhendo aqueles que, embora não fossem bispos, defenderam a doutrina tradicional da Igreja. Agostinho chama Jerônimo de “pai” neste sentido, por causa do seu embate com os pelagianos em defesa da doutrina do pecado original.²³

Os pais da Igreja são, portanto, aqueles homens que receberam a doutrina apostólica com a missão de ensiná-la. Eram “pais” num sentido pastoral: cuidavam do rebanho como um pai cuida dos seus filhos. Esse cuidado está indissociavelmente ligado ao ofício do ensino. Os pais são mestres da Igreja. Eles cuidam ensinando a fé que receberam.

Boniface Ramsey identificou quatro características distintivas dos pais: 1) antiguidade; 2) santidade de vida; 3) doutrina ortodoxa; 4) aprovação eclesiástica.²⁴

Tanto Policarpo quanto Papias integram uma categoria de pais da Igreja chamada de pais apostólicos. Estes antigos pais foram contemporâneos dos apóstolos e viveram antes da morte de João, o último importante líder da Igreja primitiva. Apesar de não serem apóstolos, acredita-se que alguns deles foram seus discípulos, ou conheceram pessoalmente outros líderes cristãos que tiveram contato com eles. Segundo Olson, seis nomes são praticamente aceitos por todos os historiadores como pertencentes a essa categoria: Clemente, Inácio, Policarpo, o *Didaquê*, a *Epístola de Barnabé*, e *O pastor de Hermas*.²⁵ Há ainda outros documentos que não são aceitos por todos os estudiosos, mas são comumente mencionados como pais apostólicos, como a *Segunda epístola de Clemente*, a *Epístola a Diogneto*, e os fragmentos de Papias.²⁶ Berkhof inclui Papias entre os seis pais mais importantes deste período, excluindo o *Didaquê*.²⁷

Embora nada se saiba sobre Policarpo antes do início de suas atividades pastorais, sabe-se que sua formação cristã e ordenação ao episcopado se deu na cidade de Esmirna. A igreja na qual desenvolveu seu ministério é reconhecida como uma comunidade exemplar. É uma das duas igrejas que não receberam quaisquer repreensões de Jesus no Apocalipse (Ap 2.8-11).

²² Ibid.

²³ Ibid., pp. 60-61.

²⁴ Ibid., pp. 61-66.

²⁵ OLSON, 2001, p. 40.

²⁶ Ibid.

²⁷ BERKHOF, 1992, p. 37. Reconhece, porém, que o *Didaquê* fora escrito por volta de 100 d.C., devendo ser adicionado, juntamente com a *Epístola a Diogneto*, aos mais antigos escritos cristãos (ibid., p. 38).

Pouco tempo depois, a comunidade cristã de Esmirna ainda gozava de grande estima. Inácio escreveu na saudação de sua *Carta aos esmirniotas*:

Inácio, também chamado Teóforo, à Igreja de Deus Pai e de seu Filho amado Jesus Cristo, que obteve por misericórdia todos os dons, repleta de fé e amor, à qual não falta nenhum dom, caríssima a Deus, portadora dos objetos sagrados, que está em Esmirna, na Ásia, as melhores saudações, no espírito irrepreensível e na palavra de Deus.²⁸

O bispo de Antioquia prossegue com suas palavras elogiosas àquela igreja: “Agradeço a Jesus Cristo, que vos tornou tão sábios. De fato, constatei que sois perfeitos na fé imutável, como que pregados na carne e no espírito à cruz de Jesus Cristo e confirmados no amor do seu sangue”.²⁹ Assim, nos tempos de Policarpo, a igreja de Esmirna possuía muitas qualidades.

A *Carta aos filipenses* foi o único documento de Policarpo preservado, mas não é a única fonte de conhecimento a seu respeito. O *martírio de Policarpo*, documento elaborado pela comunidade esmirniota a pedido da comunidade em Filomélio para informar sobre o processo de prisão e martírio de Policarpo, embora seja “um texto fortemente retrabalhado, interpolado e com vários apêndices [...] remonta, em seu teor original [...] a testemunhas oculares e foi redigido logo depois da morte do bispo”.³⁰ Outra fonte é o testemunho de Irineu, seu discípulo. Além da referência constante em sua obra *Contra as heresias*,³¹ Eusébio preserva suas correspondências com Florino³² e com Vítor, bispo de Roma.³³

A datação tradicional da vida de Policarpo é baseada no *Martírio de Policarpo*. Seu martírio teria ocorrido em 23 de fevereiro do ano 155, “o dia do grande sábado”,³⁴ quando o bispo contava com 86 anos.³⁵ Todavia, tal cronologia tem sido questionada.

Primeiramente, a expressão “eu o sirvo há oitenta e seis anos” não é clara. Pode se referir à soma de todos os seus anos de vida, ou somente ao período a partir da sua conversão.³⁶

²⁸ In: FRANGIOTTI, op. cit., p. 115.

²⁹ Ibid., 1,1.

³⁰ VIELHAUER, 2012, p. 581.

³¹ Op. cit., III, 3, 4, pp. 251-252.

³² Apud CESAREIA, 1999, 5, XX, pp. 188-190.

³³ Ibid., 5, XXIV, pp. 192-195.

³⁴ 21.1, in: FRANGIOTTI, op. cit., p. 155. Essa datação pressupõe que “o dia do grande sábado” era um domingo (o *shabbath* em forma cristã), nesse caso, um domingo especial, guardado com muita reverência, a saber, o domingo da ressurreição. Todavia, essa interpretação tem sido questionada. Para von Champenhausen, “o grande sábado” é uma adaptação de João 19.31, e a data no início do mês Xântico, “meramente o dia em que a comunidade de Esmirna celebrava anualmente a memória de seu bispo mártir” (apud VIELHAUER, op. cit., p. 582).

³⁵ In: FRANGIOTTI, op. cit., 9.3, p. 151.

Em segundo lugar, as informações de Eusébio contrariam essa datação: “Nessa época, havendo as maiores perseguições incitadas na Ásia, Policarpo encerrou sua vida martirizado”.³⁷ Isso impossibilitaria seu martírio antes do ano 161. Campenhausen propõe uma data entre 161-168/9, mas acredita ser mais certo que tenha ocorrido no final desse período.³⁸ Vielhauer diz prudentemente que “em face dessas incertezas, não se pode determinar com exatidão nem a data de nascimento nem a data de falecimento de Policarpo”.³⁹

Olson afirma que Policarpo foi uma pessoa muito importante para os cristãos do século II devido à sua ligação com o apóstolos João.⁴⁰ Ele prossegue:

Policarpo fora instruído na fé por João e, portanto, era considerado um vínculo vivo com os discípulos de Jesus e os apóstolos. Na ausência de uma Bíblia cristã (além da Bíblia hebraica, que os cristãos viriam a chamar Antigo Testamento [AT]), homens como Policarpo eram considerados as melhores e mais confiáveis fontes de informação a respeito do que os apóstolos ensinavam e de como dirigiam as igrejas.⁴¹

O testemunho de Irineu, seu discípulo, dá conta de que Policarpo teve contato, não apenas com João, mas com outros apóstolos:

Podemos ainda lembrar de Policarpo, que não somente foi discípulo dos apóstolos e viveu familiarmente com muitos dos que tinham visto o Senhor, mas que, pelos próprios apóstolos, foi estabelecido bispo na Ásia, na Igreja de Esmirna. Nós o vimos na nossa infância, porque teve vida longa e era muito velho quando morreu com glorioso e esplêndido martírio. Ora, ele sempre ensinou o que tinha aprendido dos apóstolos, que também a Igreja transmite e que é a única verdade. E é disso que dão testemunho todas as Igrejas da Ásia e os que até hoje sucederam a Policarpo, que foi testemunha da verdade bem mais segura e digna de confiança do que Valentim e Marcião e os outros perversos doutores. É que ele no pontificado de Ancieto, quando esteve em Roma, conseguiu reconduzir muitos destes hereges, de que falamos, ao seio da Igreja de Deus, proclamando que não tinha recebido dos apóstolos senão uma só e única verdade, aquela que era transmitida pela Igreja. E há os que ouviram dele que João, o discípulo do Senhor, tendo ido um dia às termas de Éfeso e tendo notado Cerinto lá dentro, precipitou-se para a saída, sem tomar banho, dizendo ter medo que as termas desmoronassem, porque no interior se encontrava Cerinto, o inimigo da verdade.⁴²

³⁶ VIELHAUER, op. cit., p. 581.

³⁷ Op. cit., 4, XV, p. 134. “Nessa época” é uma referência às linhas anteriores do capítulo anterior, quando Eusébio diz que “Antonino, cognominado Pio, tendo completado o vigésimo segundo ano de seu reinado, foi sucedido por Marco Aurélio Vero, também chamado de Antonino, seu filho, junto com Lúcio” (ibid., 4, XIV). Marco Aurélio (121-180) governou de 161 até sua morte.

³⁸ VIELHAUER, op. cit., p. 582.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ OLSON, op. cit., p. 39.

⁴¹ Ibid.

⁴² 1995, III, 3, 4, pp. 251-252.

A relação de Policarpo com João é também registrada numa carta de Irineu a Florino, preservada por Eusébio, na qual ele busca dissuadir seu velho amigo e presbítero romano de seguir o caminho dos gnósticos:

Essas doutrinas, ó Florino, para dizer o mínimo, não são de entendimento sadio. [...] Essas doutrinas jamais vos foram transmitidas pelos presbíteros diante de nós, os quais também eram os discípulos imediatos dos apóstolos. Pois te vi quando eu ainda era menino na baixa Ásia com Policarpo [...] posso dizer até o lugar em que o bendito Policarpo costumava sentar-se e discursar; e também suas entradas e saídas, o caráter de sua vida e a forma de seu corpo, e suas conversas com as pessoas, e seu relacionamento familiar com João, conforme costumava contar, bem como sua familiaridade com os que haviam visto o Senhor. Também a respeito de seus milagres, sua doutrina, tudo isso era contado por Policarpo, de acordo com as Sagradas Escrituras, conforme havia recebido das testemunhas oculares da doutrina da salvação.⁴³

Em outro registro importante, Irineu conta como Policarpo viajou a Roma a fim de discutir com Ancieto – bispo local – a data da celebração da Páscoa. Essa passagem identifica com clareza João – discípulo do Senhor –, com quem Policarpo se associara, como o apóstolo, filho de Zebedeu:

E quando o bendito Policarpo foi a Roma, nos dias de Ancieto, e tiveram pequena desavença entre eles igualmente a respeito de outras questões, reconciliaram-se de imediato, sem discutir muito um com o outro nesse assunto. Pois nem Ancieto conseguiu persuadir Policarpo a não observá-lo, porque ele sempre o observara com o apóstolo João e o restante dos apóstolos com quem se associara; nem Policarpo persuadiu Ancieto a observá-lo, pois este dizia que era obrigado a manter a prática dos presbíteros anteriores a ele. Sendo assim, eles comungaram um com o outro e, na igreja, Ancieto cedeu a Policarpo, sem dúvida por respeito, o ofício de consagrar; e se separaram em paz, ficando toda a igreja em paz; tanto os que observavam como os que não, mantendo a paz.⁴⁴

Policarpo foi, então, discípulo dos apóstolos, em especial, de João, conforme tradição segura.

Sobre Papias, bispo de Hierápolis, as informações são mais escassas. Trata-se de “uma das personagens mais misteriosas da antiguidade cristã. Pouquíssimo sabemos sobre ele, e as poucas notícias que temos dão lugar, por parte dos historiadores, à discussões intermináveis”.⁴⁵

De sua autoria, restou apenas algumas citações e recensões de sua obra *Logíon Kuriakon ecsegéseis* [*Interpretação dos ditos do Senhor*] em Irineu, Eusébio, autores

⁴³ IRINEU apud CESAREIA, op. cit., 5, XX, p. 189.

⁴⁴ IRINEU apud CESAREIA ibid, 5, XXIV, pp. 194-195.

⁴⁵ BARDY apud FRANGIOTTI, op. cit., p. 321.

eclesiásticos posteriores e coleções de interpretações bíblicas de autores antigos.⁴⁶ A obra, originalmente, era constituída de cinco volumes, mas sobreviveram apenas treze pequenos fragmentos.⁴⁷

Sabe-se que Papias foi bispo de Hierápolis e amigo de Inácio e de Policarpo, respectivamente, bispos de Antioquia e de Esmirna.⁴⁸

Conforme o testemunho de Irineu, bispo de Lião, Papias foi discípulo de João: “Eis o que Pápias, discípulo de João, amigo de Policarpo, homem venerável, atesta por escrito no seu quarto livro – existem cinco livros compostos por ele [...]”.⁴⁹ Embora Irineu não esclareça quem é esse João, o contexto fornece um bom motivo para pensar que ele tinha o apóstolo em mente: a presença de Policarpo, discípulo do apóstolo João, conforme relato anterior do próprio Irineu.⁵⁰

O contexto da passagem faz referência a um dito apócrifo de Jesus em resposta a Judas, o traidor. Ao perguntar como poderia criar frutos tão abundantes, “o Senhor respondeu: Vê-los-ão os que viverão naquele tempo”.⁵¹ Uma forma de Irineu validar a autoridade dessa afirmação seria defendendo a corrente de tradição Papias-João. Diz-se de Papias que viveu aproximadamente entre 70 e 140, tendo escrito durante a última década de sua vida.⁵² Com base nos dados de Irineu, seu nascimento localizar-se-ia aproximadamente entre os anos 60/70.⁵³

Eusébio, contrariamente a Irineu, afirma que Papias foi discípulo de outro João, e não do apóstolo. E ele faz isso com base no fragmento preservado da própria obra de Papias:

Mas o próprio Papias, no prefácio de seus discursos de maneira alguma afirma que fosse ouvinte e testemunha ocular dos santos apóstolos, mas nos informa que recebeu as doutrinas da fé de seus amigos íntimos, o que declara com as seguintes palavras: ‘E não hesitarei em juntar minhas interpretações, também para vosso benefício, tudo que eu tenha em algum momento certificado com precisão e guardado em minha memória, conforme o recebi dos presbíteros e registrei em ordem para fornecer confirmação suplementar à verdade por meu testemunho. Pois jamais tive prazer, como muitos, em ouvir os que dizem muitas coisas, mas aos que ensinam a verdade, nem os que registram preceitos estrangeiros, mas os que são dados pelo Senhor, para nossa fé e que vêm da própria verdade. Mas quando encontrava alguém que tivesse sido seguidor dos presbíteros em qualquer lugar, fazia questão de inquirir quais eram as declarações dos presbíteros. O que foi dito por André, Pedro ou Filipe. O que foi dito por Tomé, Tiago, João, Mateus ou

⁴⁶ VIELHAUER, op. cit., p. 786.

⁴⁷ FRANGIOTTI, op. cit., p. 322.

⁴⁸ CESAREIA, op. cit., 3, XXXVI, p. 113.

⁴⁹ IRENEU, 1995, V, 33, 4, p. 608.

⁵⁰ Ibid., III, 3, 4, pp. 251-252.

⁵¹ Ibid., V, 33, 4, p. 608.

⁵² FRANGIOTTI, op. cit., pp. 321-322.

⁵³ VIELHAUER, op. cit., p. 787.

qualquer outro dos discípulos de nosso Senhor. O que foi dito por Arístion e pelo presbítero João, discípulo do Senhor; pois não penso que eu me tenha beneficiado com os livros tanto quanto me beneficiei com a voz viva dos que ainda vivem'. Aqui também é adequado observar que o nome de João é mencionado duas vezes. O primeiro dos quais menciona com Pedro e Tiago e Mateus e outros apóstolos; evidentemente referindo-se ao evangelista. Mas em outro ponto de seu discurso ele alista o outro João, com o restante não incluído no número de apóstolos, colocando Arístion antes dele.⁵⁴

A presença de dois homens com o nome de João, um associado aos apóstolos André, Pedro, Filipe, Tomé, Tiago e Mateus, e outro chamado presbítero e associado a Aristão, é digna de nota para Eusébio, visto que Papias diz ter recebido o testemunho dos presbíteros e dos seus seguidores, não dos apóstolos.

Todavia, o argumento de Eusébio não é conclusivo. Quando Papias diz que “fazia questão de inquirir quais eram as declarações dos presbíteros”, ele prossegue citando o nome dos apóstolos. Talvez, para Papias, o termo “presbítero” poderia ser uma referência aos apóstolos, embora Bruce afirme que “naquele tempo, o título ‘ancião’ [presbítero] era dado aos líderes cristãos da geração posterior aos apóstolos”.⁵⁵ Mesmo que os dois termos fossem usados de forma intercambiável por Papias, a repetição do nome João – uma vez associado aos apóstolos, e outra a Aristão – não se justificaria. Hale sugere que poderia ser referência ao mesmo João visto em dois aspectos: “como associado com outros apóstolos que trabalham na Palestina, e depois vivendo e trabalhando em Éfeso”.⁵⁶ É evidente que isso não passa de uma conjectura.

Do prefácio de sua obra, é “inegável que Papias coloca a tradição oral muito acima da tradição escrita”.⁵⁷ Isso fica evidente na sua declaração: “pois não penso que eu me tenha beneficiado com os livros tanto quanto me beneficiei com a voz viva dos que ainda vivem”. Mas Vielhauer faz uma observação: “O critério do que é tradição autêntica e com isso

⁵⁴ CESAREIA, op. cit., 3, XXXIX, p. 117. Eusébio prossegue sugerindo que, como houve duas pessoas de nome João na Ásia, provavelmente o segundo João – não o apóstolo – “tenha visto a revelação atribuída a João [o Apocalipse]” (Ibid. – cf. testemunho de Dionísio em 7, XXV, pp. 272-276). Tal conclusão não é necessária. Possivelmente existiram duas pessoas com o mesmo nome na liderança da Igreja: o apóstolo e o presbítero. Mas isso não significa que Apocalipse foi escrito pelo presbítero, e não pelo apóstolo. Uma tradição bem estabelecida na igreja antiga aponta para a autoria apostólica de João: Melito de Sardes, em seu comentário perdido de Apocalipse (ibid., 4, XXVI, p. 151), e Justino (*Diálogo com Trifão* 81, 4, op. cit., pp. 237-238). Note-se que a igreja de Sardes, da qual Melito foi bispo (c. 165), é uma das destinatárias do Apocalipse de João (Ap 1.11; 3.1-6). Não deixa de ser interessante também que o milenarismo de Papias está mais baseado na tradição oral do que no Apocalipse.

⁵⁵ Bruce, 1987, p. 11.

⁵⁶ HALE, op. cit., p. 139.

⁵⁷ VIELHAUER, op. cit., p. 788.

também o critério para a ‘interpretação’ é, em última análise, questão de gosto subjetivo de Pápias”.⁵⁸

Levando em consideração a informação de Eusébio de que Pápias não conheceu o apóstolo João, mas líderes da geração pós-apostólica, dentre os quais, um homônimo do apóstolo, o nascimento de Pápias dar-se-ia por volta do ano 80.⁵⁹

2 EXPECTATIVAS ESCATOLÓGICAS DOS JUDEUS NO SÉCULO I E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ESCATOLOGIA CRISTÃ PRIMITIVA

Champlin diz que “no Pentateuco não há, virtualmente, qualquer ideia sobre a vida para além da morte biológica, para as almas humanas”.⁶⁰ Certamente não se encontra ali uma ideia clara a respeito do que se sucede à morte, mas isso não implica uma crença na absoluta cessação da existência.

Uma expressão comum usada para se referir à morte dos patriarcas é “reunido aos seus antepassados” (Gn 25.8; 35.29; 49.33). A narrativa da morte de Jacó exclui a ideia de que essa expressão se refira ao sepultamento em propriedade particular da família. A reunião de Jacó ao seu povo se deu na morte (Gn 49.33), enquanto o sepultamento não ocorreu antes do seu embalsamamento, que durou quarenta dias (Gn 50.2-3).

Difícilmente se pode argumentar que os costumes dos povos vizinhos não influenciaram Israel. Os egípcios, babilônios e outros, prestavam cultos aos mortos, de maneira que a lei mosaica proibiu tal prática (Dt 18.10-12). Essa proibição sugere que os antigos hebreus – em algum momento – sustentavam alguma crença na existência pós-morte.

De qualquer forma, no século I, os saduceus sustentavam que nada se sucedia à morte.⁶¹

Se for correta a ideia de que os saduceus limitavam seu cânon ao Pentateuco, pode-se inferir que sua falta de uma perspectiva de vida futura pode ter alguma relação com a ausência de um ensino claro a este respeito naquela porção das Escrituras. Orígenes diz: “E ainda que os samaritanos e os saduceus, que aceitam apenas os livros de Moisés [...]”.⁶² E Jerônimo

⁵⁸ Ibid., p. 791. Frangiotti diz: “Mas em vez de tradição genuína, Pápias parece ter, segundo Altaner, ‘apenas compilado, prevalentemente, escritos lendários e trechos de apocalipse judaico, tardios, oriundos do ambiente dos presbíteros da Ásia Menor’ (op. cit., p. 322).

⁵⁹ VIELHAUER, op. cit., p. 787.

⁶⁰ CHAMPLIN, 2013, p. 440.

⁶¹ JOSEFO, 2011, p. 827.

⁶² ORÍGENES, 2004, I, 49, p. 92.

afirma: “Eles [os saduceus] não admitiam nada mais que os cinco livros de Moisés”.⁶³ Mas Bruce discorda dessa limitação do cânon:

A ideia de que os saduceus (como os samaritanos) reconheciam apenas o Pentateuco como Escritura Sagrada é baseada numa compreensão errônea: quando Josefo, por exemplo, diz que os saduceus não ‘admitiam qualquer observância à parte das leis’, não quer dizer o Pentateuco, mas não os Profetas e os Escritos, mas indica a lei escrita (do Pentateuco), e não a lei oral (as interpretações e aplicações farisaicas da lei escrita, que como a própria lei escrita, eram consideradas como recebidas e transmitidas por Moisés).⁶⁴

Seja como for, quando os saduceus inquiriram Jesus acerca da crença na ressurreição escatológica, ele não recorreu a algum Salmo que apresentasse uma esperança incipiente, nem aos profetas, em especial, Daniel, no qual a ideia já se encontra desenvolvida. Pelo contrário, recorreu a uma passagem do Pentateuco para convencê-los de que os patriarcas permaneciam conscientes após a morte, aguardando a ressurreição (Mt 22.31-32).

O interesse dos saduceus pelo pensamento grego, em especial pelo filósofo Epicuro, pode ser a razão de sua descrença na existência pós-morte, ao invés de uma dependência exclusiva do Pentateuco.⁶⁵ Pode-se dizer que a escatologia dos saduceus se concentra apenas em sua esperança messiânica. Todavia, havia outras duas expectativas escatológicas distintas no judaísmo do primeiro século: a inversão escatológica na história, cujo entendimento básico é que Deus interviria em favor do seu povo antes mesmo do fim da história e da inauguração do estado eterno; e a inversão escatológica após a história, cuja compreensão é que a intervenção divina em favor do seu povo e contra os ímpios somente ocorrerá com o desfecho da história, na eternidade. A apocalíptica judaica intertestamentária apresenta ambas as expectativas.

Em 4 Esdras 7.28-30 encontra-se a noção de governo messiânico com a duração de 400 anos antes do término da história:

Pois meu Filho, o Messias, será revelado, juntamente com aqueles que estão com ele, e regozijará [com] os sobreviventes por quatrocentos anos. E será, depois desses anos, que meu Filho, o Messias, morrerá, e todos nos quais há fôlego humano. Então o mundo voltará ao silêncio primitivo sete dias, como no princípio; então nenhum homem será deixado.⁶⁶

⁶³ JERÓNIMO, 1999, p. 244. Tradução livre do autor deste artigo.

⁶⁴ BRUCE, 2011, p. 39.

⁶⁵ PACKER; TENNEY; WHITE JR., 2006, p. 90. Ao mesmo tempo em que receberam influências do pensamento grego, acusavam os fariseus de serem influenciados pelos persas e assírios em suas doutrinas da ressurreição, anjos e demônios (ibid.).

⁶⁶ HILL, 2004, p. 109.

Outros textos da época também apresentam um governo intermediário: 1 Enoque 91.12-17; 2 Baruque 29.3–30.1; 40.1-4; 72.2–74.3. Apesar de não compartilharem de perspectivas idênticas, muitos pontos da escatologia parecem sobressair nessa literatura específica. Hill destaca sete: 1) um tempo de severa tribulação precederá a nova era; 2) o tempo de tribulação culminará em uma grande batalha contra Israel; 3) os injustos serão julgados e punidos, os justos, salvos; 4) o Messias governará (de acordo com muitos, mas não de acordo com todos os escritos apocalípticos); 5) Deus agirá de modo decisivo com os gentios; 6) o templo será restaurado, os exilados retornarão a Israel, Deus e/ou o Messias reinarão e a natureza será revitalizada; 7) os justos que já morreram desfrutarão a vida eterna, com ou sem menção específica à ressurreição corporal.⁶⁷

O Apocalipse de João seria um exemplo bastante evidente do pensamento da inversão escatológica na história, com um reinado messiânico terreno.⁶⁸

A outra expectativa escatológica judaica compreende que a derrota sofrida pelo povo de Deus no tempo será recompensada na pós-história, com a consumação do Reino eterno. O livro de Daniel é um exemplo veterotestamentário dessa perspectiva. Os três primeiros versículos do capítulo 12 apresentam um “tempo de angústia”, que termina com a salvação de “todo aquele cujo nome está escrito no livro”, e a ressurreição escatológica, “uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno”. No versículo 3, os fiéis “reluzirão como o fulgor do céu; e aqueles que conduzem à justiça, serão como as estrelas, para todo o sempre”.

Que essa perspectiva foi compartilhada por judeus do século I, vê-se na perícope de Mateus 25.31-46, sobre o grande julgamento. Antes, porém, no capítulo 24, o sermão de Jesus – paralelo ao “pequeno apocalipse” de Marcos 13 – relata o tempo de angústia sob a tribulação. A escatologia paulina, semelhantemente, contempla a inversão escatológica no final da história: “Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim, estaremos com o Senhor para sempre” (1 Ts 4.17). Conforme observou Erickson:

Jesus tinha muito a dizer acerca das últimas coisas: muitas de suas parábolas se relacionavam a esse assunto; e um discurso inteiro, Mateus 24–25, foi dedicado aos tempos do fim. Mas certamente nunca predisse um reino terreno de mil anos, nem sequer predisse quaisquer acontecimentos que requeriam semelhante período para

⁶⁷ Ibid., pp. 106-113.

⁶⁸ Dependendo de como se interpreta o capítulo 20. O autor do artigo concorda com a autoria apostólica da obra, conforme consenso da erudição conservadora (cf. HALE, op. cit.; CARSON, 1997). Os argumentos de Dionísio contra a autoria apostólica podem ser lidos em Eusébio (CESAREIA, op. cit., 7, XXV, pp. 272-276), e ainda permanecem como base daqueles que discordam da posição tradicional (cf. KÜMMEL, op. cit.).

serem cumpridos. De modo semelhante, quando Paulo tratou da Segunda Vinda, não mencionou qualquer reino terreno.⁶⁹

Em sua segunda carta, Pedro demonstra a mesma compreensão escatológica:

O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoa é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor. Todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça (2 Pe 3.10-13).

Jesus de Nazaré e os apóstolos Paulo e Pedro representam um grupo ainda maior de judeus do primeiro século que entendiam que a inversão escatológica, por meio da qual Deus vindicará o seu povo, ocorrerá após a história.

Os líderes cristãos que sucederam os apóstolos também receberam influências destas duas expectativas escatológicas. Segundo Berkhof, Papias, Irineu, Barnabé,⁷⁰ Hermas, Justino e Tertuliano seguiram uma doutrina milenarista. Assim, sustentavam a crença de uma inversão escatológica na história. Outros, porém, como Clemente de Roma, Inácio, Policarpo, Taciano, Atenágoras, Teófilo, Clemente de Alexandria, Orígenes, Dionísio não manifestavam a mesma expectativa,⁷¹ antes, sustentavam que a intervenção escatológica se daria na pós-história.⁷²

3 AS EXPECTATIVAS ESCATOLÓGICAS DE POLICARPO E PAPIAS

Não há nos escritos dos primeiros pais da Igreja aquelas especulações teológicas que surgiram posteriormente, quando a perseguição imperial cessou, proporcionando a

⁶⁹ ERICKSON, 2010, p. 128.

⁷⁰ Kelly, baseado em a *Carta de Barnabé* 15.4-9, supõe que este autor primitivo sustentava uma forma de milenarismo na qual os seis dias da criação representam os seis mil anos da história e o sétimo milênio seria o reinado de Cristo com os justos até o início do oitavo milênio (KELLY, 1994, p. 354). Bauckham, no entanto, observa: “Barnabé não é quiliasta. Apesar de ser comum se pensar que, para ele, a era sabática era seguida do oitavo dia de eternidade, tal interpretação não pode ser confirmada. Ele emprega ‘Sabbath’ e ‘oitavo dia’ como termos intercambiáveis para o novo mundo que sucederá a segunda vinda de Cristo. Essa combinação confusa de dois sistemas de cálculo escatológico não causa grande surpresa, uma vez que a vemos sendo usada repetidamente no Gnosticismo cristão alexandrino. É uma forma de combinar o sentido cristão do culto dominical como um antegozo da vida no mundo por vir com a ideia do Sabbath escatológico herdada do Judaísmo (in: CARSON [org.], 2006, pp. 273-274). Grier também discorda da interpretação que faz de Barnabé um milenarista (1972, p. 21). Desta forma, o Pseudo-Barnabé pode ser incluído no grupo de pais da Igreja que mantinham uma expectativa de inversão escatológica após a história.

⁷¹ BERKHOF, 1992, p. 236.

⁷² Os termos teológicos associados a essas duas expectativas escatológicas – respectivamente, pré-milenarismo e amilenarismo – foram incorporados posteriormente, de maneira que usá-los aqui seria anacrônico e, por isso, inapropriado.

tranquilidade necessária à reflexão teológica, como concretizada nos grandes Concílios dos séculos IV e V.

Contrariamente ao período dos grandes teólogos da patrística, Policarpo e Papias escreveram num período marcado por grande expectativa escatológica: aguardavam a iminente *parousia* de Cristo. Seus escritos são, portanto, de caráter mais pastoral, exortando seus leitores à santidade e perseverança.

Em sua *Carta aos filipenses* 5.2, Policarpo manifesta a esperança de reinar com Cristo no “tempo futuro”. Tal expressão é comumente encontrada no Novo Testamento – a “era futura” – em contraste com o “tempo presente” (Mc 10.30; cf. Mt 12.32; Lc 20.34-35; Ef 1.21; Tt 2.12-13; Hb 6.5): “Se o aguardarmos neste mundo, ele nos dará em troca o tempo futuro, pois ele nos prometeu ressuscitar-nos dentre os mortos, e, se a nossa conduta for digna dele, também reinaremos com ele, se tivermos fé”.⁷³

A passagem é elucidativa, pois demonstra que Policarpo não esperava um período intermediário entre a realidade presente e a consumação escatológica. A expectativa de Policarpo é que a inversão escatológica ocorrerá após a história, quando os santos reinarão com Cristo eternamente. Isso se confirma numa passagem anterior do mesmo documento:

Tudo o que existe no céu ou na terra lhe está submisso; tudo o que respira o celebra, a ele que vem como juiz dos vivos e dos mortos, e de cujo sangue Deus pedirá contas àqueles que não confiam nele. Aquele que o ressuscitou dos mortos também nos ressuscitará, se fizermos a sua vontade [...].⁷⁴

Nesta passagem, Policarpo afirma que o juízo final se dará com a vinda do “juiz dos vivos e dos mortos”, ocasião na qual Deus punirá os que não confiam nele e recompensará com a ressurreição da vida os que fazem a sua vontade. É notável que as expressões “de cujo sangue Deus pedirá contas àqueles que não confiam nele” e “também nos ressuscitará, se fizermos a sua vontade” se refiram ao mesmo evento, a saber, a vinda daquele “que vem como juiz dos vivos e dos mortos”. Aqui também não há qualquer expectativa de um reino intermediário entre a punição dos ímpios e a salvação dos fiéis.⁷⁵

A relação entre Policarpo e o apóstolo João torna a investigação de sua perspectiva escatológica uma tarefa relevante. Sabe-se que Policarpo conhecia 1 João pela sua citação livre do capítulo 4, versículos 2 e 3:

⁷³ In: FRANGIOTTI, op. cit., p. 142.

⁷⁴ Ibid, 2.1-2, p. 140.

⁷⁵ GRIER, op. cit., p. 19. Não deixa de ser interessante que uma interpretação literal do capítulo 20 do Apocalipse de João levaria a uma ordem diferente daquela apresentada por Policarpo: o julgamento dos ímpios se daria muito tempo depois da ressurreição dos justos.

Quem não confessa que Jesus Cristo veio na carne, é anticristo; aquele que não confessa o testemunho da cruz, é do diabo; aquele que distorce as palavras do Senhor segundo seus próprios desejos, e diz que não há ressurreição, nem julgamento, esse é primogênito de satanás.⁷⁶

Bruce acredita que Policarpo também conhecia o quarto evangelho: “Policarpo, o bispo de Esmirna (escrevendo em c. 120 d.C.), cita 1 João; podemos concluir que o conhecimento desta pressupõe também o conhecimento do evangelho de João”.⁷⁷ Carson é mais cauteloso: “Se alguém concluir (como eu) que as cartas joaninas foram escritas depois do quarto evangelho, e pelo mesmo autor, é razoável supor que Policarpo também conhecia o quarto evangelho, mas não há evidência literária conclusiva”.⁷⁸

Seja como for, parece haver uma afinidade entre a escatologia do bispo de Esmirna e aquela apresentada no evangelho de João (5.28-29). Ambos apresentam a ideia de que a recompensa dos justos e a condenação dos ímpios acontecerão sem qualquer interlúdio.

Embora não se possa afirmar qual a postura de Policarpo ante o Apocalipse de João, é bastante razoável supor que ele o tenha conhecido. Policarpo foi bispo de uma das comunidades destinatárias do Apocalipse (2.8-11). Seu ministério já estava em andamento na segunda década do segundo século. Isso o coloca próximo da composição do Apocalipse.⁷⁹

Se Policarpo conheceu o Apocalipse de João e o reconheceu como texto canônico, ele não interpretou o capítulo 20 em termos de inversão escatológica na história.⁸⁰

A expectativa escatológica de Papias se apresenta bem diferente daquela observada por Policarpo:

Virão dias em que crescerão videiras com dez mil cepas e sobre cada cepa dez mil ramos; sobre cada ramo dez mil rebentos; sobre cada rebento dez mil cachos; em cada cacho dez mil grãos; e de cada grão esmagado se farão vinte e cinco metretas de vinho. E quando algum dos santos for apanhar um cacho, outro lhe dirá: eu sou

⁷⁶ Ibid., 7.1, p. 143.

⁷⁷ BRUCE, 1987, pp. 17-18.

⁷⁸ CARSON, 2007, p. 26.

⁷⁹ A maioria dos estudiosos creem que o Apocalipse de João foi escrito no fim do governo de Domiciano, por volta do ano 95 (HALE, op. cit., pp. 437-440; KÜMMEL, op. cit., pp. 613-617), não obstante, alguns estudiosos datam o documento para o final do reinado de Nero (GENTRY JR., 1989). Se a datação para o período de Domiciano estiver correta, o ministério de Policarpo em Esmirna estava ocorrendo cerca de 20 anos após a redação do Apocalipse. No entanto, se o Apocalipse foi escrito em meado da década de 60, tem-se uma distância de pouco mais de 50 anos. Em ambos os casos, Policarpo exerceu seu ministério numa época bem próxima a composição do documento, quando este já circulava nas comunidades destinatárias.

⁸⁰ O que se torna bastante provável com base nos seguintes argumentos: 1) Policarpo foi bispo de uma das igrejas destinatárias do Apocalipse; 2) Policarpo foi discípulo do apóstolo João, conforme segura tradição patrística; 3) O apóstolo João foi o autor do Apocalipse canônico, conforme a opinião da erudição conservadora (argumento pressuposto). Dificilmente Policarpo não teria conhecimento de uma obra escrita por seu mestre à sua comunidade. Igualmente improvável seria ele não reconhecê-la como texto sagrado.

melhor, apanha-me e bendize o Senhor por mim! Da mesma forma um grão de trigo produzirá dez mil espigas, cada espiga terá dez mil grãos e cada grão produzirá vinte e cinco libras de farinha pura. Também os outros frutos, sementes e ervas terão abundância igual, conforme a sua natureza; e todos os animais se servirão deste alimento, que receberão da terra, viverão em paz e harmonia entre si e estarão completamente submetidos aos homens.⁸¹

A visão de João do reinado de Cristo com os santos dá lugar às afirmações exageradas baseadas, segundo Eusébio, em “tradições não escritas recebidas” e “certas estranhas parábolas de nosso Senhor e sua doutrina e algumas outras questões um tanto fabulosas”.⁸²

Papias recebeu crítica severa de Eusébio por afirmar que

haverá certo milênio após a ressurreição e que haverá um reinado corpóreo de Cristo nesta terra; coisas que parece ter imaginado, como se fossem autorizadas pelas narrações apostólicas, não compreendendo corretamente aquelas questões que propunham misticamente e suas representações. Pois ele era muito limitado em sua compreensão, conforme se evidencia em seus discursos. Ainda assim, por sua causa a maior parte dos escritores eclesiásticos, induzidos pela antiguidade do homem, foi desviada por opinião semelhante; como, por exemplo, Irineu, ou qualquer um que tenha adotado tais sentimentos.⁸³

Irineu, de fato, segue Papias de perto em sua perspectiva de inversão escatológica na história. Para o bispo de Lião, como “os ressuscitados não serão seres fantasmagóricos”, “o reino de mil anos é tratado como um instrumento pedagógico necessário para tornar o homem portador da glória do Pai”.⁸⁴ Tal conceito é totalmente estranho àquele que Policarpo extraiu do Novo Testamento, segundo o qual há apenas duas eras: a presente e a futura.⁸⁵

Charles E. Hill observa que o milenarismo de Papias, Justino, Tertuliano, Comodiano, Victorino de Pettau e Lactâncio depende da rejeição da doutrina de que os crentes vão imediatamente à presença de Deus no céu, após a morte.⁸⁶ Hall descobre a nascente da associação entre o milenarismo e a retenção da alma dos justos no Hades até a ressurreição

⁸¹ Apud IRENEU, V, 33, 3, op. cit., p. 607.

⁸² CESAREIA, op. cit., 3, XXXIX, p. 118

⁸³ Ibid. A crítica de Eusébio ao milenarismo de Papias é muitas vezes relacionada aos problemas que esta concepção escatológica estava provocando nas comunidades cristãs da época. Isto também justificaria a oposição de Eusébio e Dionísio à autoria apostólica do Apocalipse. “Se eles fossem capazes de negar a autoria apostólica deste livro, básico a ambas as seitas [quilianismo e montanismo], eles estariam bem a caminho da destruição da oposição. Ambos, Dionísio e Eusébio, são os únicos escritores patrísticos primitivos que questionaram a autoria joanina” (HALE, op. cit., pp. 432-433).

⁸⁴ SINGLES, 2010, p. 125. “Visto que alguns se deixam induzir ao erro por causa de discurso herético e ignoram as disposições de Deus e o mistério da ressurreição dos justos e do reino que será o prelúdio da incorruptibilidade – reino pelo qual os que serão julgados dignos se acostumarão paulatinamente a possuir Deus [...]” (IRENEU, V, 32, 1, op. cit., p. 603).

⁸⁵ Mazzuco e Pietrella “argumentam que o pré-milenismo de Justino e Irineu é mais devedor às fontes judaicas apocalípticas e à tradição judaico-cristã, do que ao texto de Apocalipse” (DAVIS, 2009, p. 95, nota de rodapé 143).

⁸⁶ STRIMPLE in: BOCK (org.), op. cit., p. 224. Irineu apresenta a conexão lógica entre essas duas doutrinas em: IRENEU, V, 31-32, op. cit., pp. 601-605.

“em uma praia particular da piedade apocalíptica judia, melhor exemplificada por 2 *Baruque* e 4 *Esdras*”.⁸⁷

Segundo Altaner, Papias parece ter “apenas compilado, prevalentemente, escritos lendários e trechos de apocalipse judaico, tardios, oriundos do ambiente dos presbíteros da Ásia Menor”.⁸⁸ Assim, a expectativa escatológica de Papias tem seu fundamento na tradição judaica que influenciou os cristãos da Ásia Menor, e não no Apocalipse de João, visto que Papias intencionava rever a tradição jesuína através da tradição oral, e não da tradição escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível notar as diferenças entre as expectativas escatológicas de Policarpo e Papias. Ambos receberam influências de correntes escatológicas judaicas absorvidas pelo cristianismo nascente durante o primeiro século.

Policarpo, discípulo do apóstolo João, esperava que a inversão escatológica se desse após a história. Tal expectativa, na qual não há qualquer reino intermediário do Messias, se coaduna com a escatologia apresentada no quarto evangelho, bem como no sermão escatológico de Jesus, e nas cartas de Paulo e Pedro.

Papias, cuja relação com o apóstolo João não pode ser confirmada, sendo mais provavelmente discípulo de um presbítero com o mesmo nome, esperava pela inversão escatológica na história. Apesar do Apocalipse de João, capítulo 20, parecer um exemplo de inversão escatológica na história, Papias não se fundamenta neste documento, mas em apocalipses judaicos e na tradição oral.

A própria diferença escatológica entre Policarpo e Papias parece endossar que ambos não foram discípulos do mesmo João.

Do que foi exposto, fica evidente que o milenarismo não foi a única escatologia presente nos primórdios da Igreja. Já nos pais apostólicos coexistiam duas correntes escatológicas: uma aguardando a intervenção escatológica pós-história; outra aguardando a inversão escatológica na história. Estas parecem ter caminhado lado a lado não apenas no período patrístico, mas em toda a história posterior da Igreja.

⁸⁷ Apud STRIMPLE, in: BOCK (org.), op. cit., p. 224.

⁸⁸ Apud FRANGIOTTI, op. cit., p. 322.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs*. São Paulo: PES, 1992.

BÍBLIA. Língua Portuguesa. *Bíblia de Estudo Arqueológica NVI*. São Paulo: Vida, 2013.

BOCK, Darrel L. (Org.). *O Milênio*. Coleção Debates Teológicos – 3 Pontos de Vista. 1. ed. São Paulo: Vida, 2005.

BRUCE, F. F. *João. Introdução e comentário*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1987.

_____. *O cânon das Escrituras*. São Paulo: Hagnos, 2011.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D. A. (Org.). *Do Shabbath ao Dia do Senhor*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

_____. *O Comentário de João*. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Volume 2: D-G. 11. ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

DAVIS, John Jefferson. *A vitória do Reino de Cristo. Uma introdução ao pós-milenismo*. Brasília, DF: Monergismo, 2009.

ELWELL, Walter A (editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Vol. I: A-D. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

_____. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FRANGIOTTI, Roque (introdução e notas explicativas). *Padres Apostólicos*. Coleção Patrística 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática 2*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GENTRY JR., Kenneth L. *Before Jerusalem fell: Dating the book of Revelation. An exegetical and historical argument for a pre-A.D. 70 composition*. Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989.

GRIER, W. J. *O maior de todos os acontecimentos. Análise do que ensinam as Escrituras acerca da Segunda Vinda de Jesus*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972.

HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2007.

HAYKIN, Michael A. *Redescobrimos os pais da Igreja: quem eles eram e como moldaram a Igreja*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012.

HILL, Craig C. *O tempo de Deus: a Bíblia e o futuro*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

IRENEU, Santo Bispo de Lião. *Contra as Heresias*. Coleção Patrística 4. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JERÓNIMO. *Comentário al Evangelio de Mateo*. Biblioteca de Patrística, volume 45. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1999.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

JUSTINO, Mártir, Santo Justino de Roma. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. Coleção Patrística 3. São Paulo: Paulus, 1995.

KELLY, J. N. D. *Patrística: Origem e Desenvolvimento das Doutrinas Centrais da Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

OLSON, Roger E. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de Tradição e Reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

ORÍGENES. *Contra Celso*. Coleção Patrística 20. São Paulo: Paulus, 2004.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR., William. *O mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2006.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

SHEDD, Russel P. *Escatologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

SINGLES, Donna. *A glória de Deus é o homem vivo: a profissão de fé de Santo Irineu*. São Paulo: Paulus, 2010.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras Introdutórias à Teologia Sistemática*. 1. ed. São Paulo: Batista Regular, 1987.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos do Novo Testamento e os pais apostólicos*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2012.